



A autobiografia agostiniana na obra *A vida feliz*

The augustinian autobiography in the masterpiece *The happy live*

Lúcio Gomes Dantas
Francisco Silva Cavalcante Junior
Universidade de Fortaleza
Brasil

Resumo

O tema felicidade é visto sob o prisma de um texto autobiográfico medieval da teologia cristã, utilizando-se do livro *A vida Feliz* de Santo Agostinho, no qual o autor se empenha na discussão sobre a felicidade com base no conhecimento da verdade na interioridade da alma. Como pensador da memória, Santo Agostinho faz a sua autobiografia, inscrevendo-se, assim, na busca constante do amor de Deus, pois a felicidade é um dom dado por Ele. A vida feliz agostiniana só pode ser alcançada na busca de Deus. É voltando-se a Ele que a pessoa poderá atingir a verdadeira felicidade e a completude do seu ser. Marca, assim, um desenvolvimento pessoal, capaz de olhar profundamente dentro de si mesmo, em uma incursão autobiográfica, registrando na História, o hino de vida e esperança na vida feliz.

Palavras-chave: escrita; autobiografia; literatura cristã; felicidade.

Abstract

The present essay aims at presenting the theme of happiness from the perspective of an autobiographical text from the medieval Christian theology, based on the book *The Happy Life* by Saint Augustine. In this book the author discusses happiness based on truth from the inner soul. As a thinker of the memory, Saint Augustine writes his autobiography by inscribing himself on the continuous search for God's love, because happiness is a gift given by Him. The Augustinian's happy life can only be reached in the search of God. It is in turning to Him that one is able to reach the true happiness and the fulfillment of his being. It highlights a personal development which is able to dig deeper into one's self, in a process of autobiography which registers in History, the hymn of life and the hope in a happy life.

Keywords: writing; autobiography; Christian literature; happiness.

Considerações iniciais

Buscamos compreender a felicidade aplicada à construção de uma cultura de sustentabilidade e bem-estar coletivos, interessamo-nos em abordar o tema da felicidade no início da Idade Média, do ponto de vista da Teologia Cristã, especificamente em Santo Agostinho (354-430) como autobiografia. Portanto, escolhemos o texto agostiniano "A Vida Feliz" (*De beata vita*), onde ele se empenha na discussão sobre a felicidade, pois que está centrada no conhecimento da verdade na interioridade da alma, cuja felicidade feliz está plasmada na busca de Deus. (1)

O tema felicidade é despertado em Santo Agostinho, a partir do contato com a obra latina *Hortensius*, de Cícero (106-43 a.C.), onde este aborda o conceito de filosofia como sabedoria e arte de viver, que proporciona a felicidade verdadeira. Santo Agostinho, no entanto, vê, na subjetividade, a felicidade para se alcançar a Deus, pois, para ele, é feliz quem possui a Deus, finalidade maior da existência humana, considerando que a vida, em sentido cristão, vai além da morte, em busca mesmo da vida plena em Deus.

Interessante notar que, aos trinta e dois anos, Santo Agostinho se converte ao Cristianismo e redige o livro "A Vida Feliz", procurando na filosofia, a possibilidade de achar o sentido da felicidade. Filosofia que está pautada no conhecimento perfeito de Deus. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se com Deus, a



Verdade infinita. A perfeição moral e a felicidade consistem, portanto, em conhecer e amar a Deus, segundo esse autor da Patrística.

A memória autobiográfica de Agostinho recria o presente na perspectiva de futuro, do encontro da pessoa com Deus, mesmo que este resida na memória. Nesse sentido, Bloom (2005, p. 313) afirma que: "Com Agostinho aprendemos a ler, pois foi ele o primeiro a estabelecer a relação entre leitura e memória, ainda que, para ele, o propósito da leitura fosse a conversão ao Cristo".

É a alegria que imprime na memória – pelo passado – o desejo de felicidade. E a alegria está em vivenciar Deus plenamente na vida eterna. Portanto, o pressuposto existencial mais profundo para a conversão de Agostinho foi o medo da morte, uma morte que não o deixasse cair no vazio de uma verdade suprema em que não havia Deus e que o obrigou a alterar, posteriormente, todas as suas opiniões. Visto que a pessoa traz em si a consciência da presença divina, dessa forma, "a memória de Deus na alma de que Agostinho fala, é, portanto, somente um caso particular da onipresença de Deus nas coisas" (Gilson, 1941/2006, p. 209).

A autobiografia agostiniana se inscreve, então, nessa busca constante do amor de Deus, pois, para esse autor, a felicidade é um dom dado por Ele. A vida feliz só pode ser alcançada na busca de Deus. É voltando-se a Ele que uma pessoa poderá atingir a verdadeira felicidade e a completude do seu ser. O testemunho de Santo Agostinho marca um desenvolvimento pessoal, alicerçado no mais íntimo da natureza humana, penetrando um olhar sobre a alma, dentro de si mesmo, em uma incursão autobiográfica, encharcada de um humanismo exacerbado, registrando assim, na História, o seu hino de vida e esperança na vida feliz.

Acreditamos que inserir este autor - padre, teólogo e filósofo - no rol da literatura autobiográfica, como prática de escritas de si, é reconhecer sua influência direta ou indiretamente nos grandes pensadores da humanidade entre os séculos IV e XXI.

A vida

Antes de recorrermos ao tema Felicidade sob a influência de Santo Agostinho, é interessante visitarmos fragmentos de sua biografia, pois esta marcará sobremaneira seus escritos.

Aurelius Augustinus (Agostinho) nasceu em Tagaste, Numídia (atual Argélia), África, no ano de 354. Hoje Suk-Ahra, cerca de cem quilômetros de Annaba, (Gilson, 1995). Seu pai, Patrício, ocupava um cargo de decurião - cobrador de impostos - e sua mãe Mônica, cristã devota que mais tarde seria canonizada pela Igreja Católica. Lembremos que, naquela época, havia o pleno declínio e queda do Império Romano. Agostinho cresceu entre os Donatistas, cristãos puritanos, que veneravam os mártires cristãos. De acordo com Ribeiro Júnior (1989, p. 32): "Doutrinariamente, os donatistas entendiam que quem peca não pertence mais à Igreja, e fora da Igreja todos os sacramentos são invalidados. Assim, eles queriam expulsar todos os bispos e padres 'pecadores' bem como os fiéis que os acompanhavam". A mãe de Santo Agostinho teve muita influência dos donatistas, o que repercutiria no processo de conversão do filho, mais tarde, ao Cristianismo.

Depois da morte do pai, Agostinho torna-se professor de retórica, seduzido pela doutrina dos Maniqueus, corrente fundada por Manés (Manion Maniqueu [215-276]), a qual pregava a existência absoluta de dois princípios: o bem e o mal. Essa dualidade baseava-se em Zoroastro (Zaratustra), ponto norteador da doutrina em que

há dois reinos eternos: o da luz, em que domina Deus (Ormuzde ou Ahura Mazda), e o das trevas, domínio de Satã (Ahrimã ou Anrô Mainiu). O homem, preso por Satã, luta continuamente para se libertar das trevas e readquirir a luz; a sua libertação só se completará mediante uma vida austera que compreende três selos (mortificações): o selo da boca (jejum), o selo da mão (abstenção do trabalho) e o selo do ventre (castidade) (idem, pp. 30-31).



Essa doutrina irá influenciar, sobremaneira, os escritos agostinianos e todo o pensamento posterior medieval cristão. Notamos, no entanto, a paixão de Santo Agostinho pela filosofia, em sua juventude. Dos Maniqueus, assimilará, inicialmente, o percurso da dualidade, cujas nuances perduram em muitas expressões religiosas e ideológicas ainda hoje.

Naquela época de estudos de retórica o próprio Agostinho escreve: "Tendo chegado à idade de dezenove anos, após ter conhecido na escola de retórica o livro de Cícero, intitulado '*Hortensius*', senti-me inflamado de tal amor pela filosofia que pensei em me dedicar a ela sem reservas" (Agostinho, 386/1998, n. 4) (1). Essa leitura, portanto, inflamou-o com um abrasador desejo pela sabedoria. "Convertido à 'filosofia' por Cícero, Agostinho procura a sabedoria nas Sagradas Escrituras, mas é repellido por sua crueza, de modo que explora a filosofia oferecida pelo maniqueísmo", acrescenta Wills (1999, p. 48).

Conheceu em seguida o neoplatonismo, corrente que parecia capaz de auxiliar a fé cristã e tomar consciência da estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia. De acordo com Costa (1993, p. 13):

O neoplatonismo foi a ponte que tornou possível a grande reviravolta que Santo Agostinho daria em sua vida ao converter-se à fé cristã. Com efeito, devido a sua orientação místico-religiosa, o neoplatonismo era visto nos meios cultos cristãos como a filosofia por excelência, capaz de dar à verdade revelada a fundamentação racional que lhe faltava.

Nesse sentido, a verdade como conhecimento eterno reside nas idéias, fixando aqui a explícita influência platônica. Agostinho via a luz divina resplandecendo na alma e as trevas resplandecendo na matéria, aproximação explícita dos neoplatônicos. Pois, "a visão dualista e materialista do mundo foi substituída por uma visão altamente espiritual, sendo este o único universo verdadeiro real" (Peterson, 1981, p. 61).

O neoplatonismo, doutrina que parecia capaz de auxiliar a fé cristã, através de argumentos racionais, criou, por assim dizer, uma linguagem filosófica adequada para o tratamento racional das doutrinas religiosas, principalmente para o Cristianismo. O entusiasmo pela filosofia de Platão (428-348 a.C.) levou Santo Agostinho a ter clareza e distinção do mundo que o cercava, pois, considerava Platão o maior de todos os filósofos, bem como seus discípulos, incluindo aqui Plotino (205-270), expoente do neoplatonismo. A filosofia o persuadia, criando um "espírito de auto-crítica que o levou finalmente à experiência de conversão ao Cristianismo, por intermédio de Ambrósio de Milão, fato ocorrido no verão de 386, quando Agostinho tinha trinta e dois anos de idade" (idem, p. 61).

Vale ressaltar que Santo Agostinho é um mestre na arte de utilizar a Sagrada Escritura. É nesta fonte inexaurível que sua eudaimonia encontra sentido na fé e na caridade, dando impulso à liberdade. Agostinho não é menos genial no esforço de cristianizar a herança dos mais profundos pensadores pagãos. Durante toda a sua vida ele se mantém fiel ao que achou de bom em Platão e Plotino e na ética dos estóicos, como firmeza da alma em oposição aos males da vida (Lalande, 1926/1993).

Firmado o espírito e este já pronto para aceitar as adversidades que viriam a acontecer na vida de Santo Agostinho, a sua conversão está por vir e cai em suas mãos a epístola de São Paulo aos Romanos (13, 13), que dizia: "Como de dia, andemos decentemente; não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne" (Bíblia de Jerusalém, 1995b). E, com ela, ocorre sua conversão radical debaixo de uma figueira, banhado em uma tempestade de lágrimas.

Em "A Vida Feliz" (2), Santo Agostinho ratifica seu pensamento:

Que recurso me sobrava, a não ser uma tempestade – por mim considerada como algo adverso – a vir abalar as incertezas que me retinham? Foi então que fui tomado de agudíssima dor de peito que me incapacitou



de assumir por mais tempo o peso de uma profissão que me fazia, sem dúvida, navegar em direção ao rochedo das Sereias (pp. 18-19, [n.4]).

Essa transformação oculta algo de milagroso nesse momento de crise, através da voz suave de uma criança cantando em uma casa vizinha: "Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia freqüentes vezes: '*Toma e lê; toma e lê*'" (Agostinho, 397-398/1987, p. 144). Isso era uma ordem divina ou a própria consciência de Agostinho, num testamento psicológico.

Em seguida, Agostinho (idem) relata: "Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram".

No ano de sua conversão ao Cristianismo, redige "A Vida Feliz". Dessa forma, sua mãe, Mônica, atingiu seu objetivo antes de sua morte em 387, que era ver seu filho na religião Cristã. Ainda para a felicidade materna, Agostinho abandona a vida de "imundície e libertinagem", dedica-se totalmente à fé cristã e termina consagrado bispo de Hipona (atualmente na Argélia), em 391, e mais tarde é canonizado. Agostinho morre em agosto de 430, aos 76 anos de idade.

Santo Agostinho é um pensador da memória. Essa faculdade de atualizar o passado no presente e inaugurar um novo início, recria, assim, o passado, a partir de seu próprio presente e traz o triunfo da interioridade, diferentemente de hoje. Vejamos o que ele diz:

Não sei como conheceram a felicidade, nem por que noção a apreenderam. O que me preocupa é saber se essa noção habita na memória. Se lá existe, é sinal de que alguma vez já fomos felizes. Eu agora não procuro indagar se fomos todos felizes individualmente, ou se fomos somente naquele homem que primeiro pecou, em que todos morremos, e nascemos na infelicidade. O que eu quero saber é se a vida feliz reside ou não na memória. Se a não conhecêssemos, não a podíamos amar (idem, p. 186).

Portanto, a alegria imprime na memória, pelo passado, o desejo de felicidade, para o bispo de Hipona.

Diante disso, é fundamental afirmar que o pressuposto existencial mais profundo para sua conversão foi o medo da morte, que o obrigou a alterar todas as suas opiniões. A felicidade resulta não do amor, mas da fruição, alimentada por Deus. Durante toda sua vida, como cristão, buscou em seus escritos deixar a sua marca autobiográfica como uma reconstrução de si mesmo. Pois com diz Delory-Momberger (2006, p. 369): "Na apresentação de si mesmo por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo: ele explicita as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica". Com isso, Santo Agostinho nos deixou um tesouro de sua interioridade.

O percurso

Fé e razão em busca da felicidade são o núcleo em torno do qual gravitam todas as suas idéias e o conceito de felicidade, toda a motivação do pensamento filosófico agostiniano. A condição humana, através da religião cristã, busca a felicidade. Santo Agostinho não a encontra, somente, nos filósofos clássicos. Para ele, esta reside, também, nas Sagradas Escrituras (Wills, 1999). No que se refere à felicidade, podemos acrescentar a perspectiva "teleológica", pois, como afirma Dias (2004, p. 65): "almejamos e desejamos a felicidade não passivamente, mas como caminhada contínua de busca da vida beata". Demonstrando um espírito especulativo filosófico e cheio de entusiasmo, Santo Agostinho percorre seu itinerário, tomado de inquietações, próprio dos filósofos, para dar respostas plausíveis às questões referentes à Felicidade. Para ele todas as inquietações humanas não visam a outro objetivo senão alcançar a felicidade.

Na tentativa de se aproximar cada vez mais da Bíblia, Duclos (2005, p. 2), afirma:

Santo Agostinho destoa tanto dos aristotélicos, quanto dos estóicos e epicuristas em sua concepção de



felicidade. Os primeiros tomam a felicidade com uma atividade da alma em consonância com a virtude; os segundos como um vigor da alma e os terceiros como a vontade do corpo.

Assim, Agostinho sistematiza a filosofia na teologia, encontrando na revelação cristã, sob o respaldo filosófico, na intuição do ato de fé a relação entre a própria fé e a razão, entre a verdade lógica e a verdade revelada, entre a religião cristã e a filosofia pagã (Costa, 1993). Para um cristão agostiniano a felicidade é um dom de Deus, um bem alcançado pela liberdade. A esse respeito, Gilson (1995, p. 154) afirma: "é um bem, e é mesmo a condição do maior dos bens, a beatitude. Ser feliz é o objetivo final de todo ser humano; para sê-lo, lhe é preciso voltar-se para o Soberano Bem, querê-lo e apreendê-lo. Portanto, precisa ser livre".

A vida feliz só pode ser alcançada se existe uma busca a Deus; pois, pergunta Santo Agostinho (386/1998):

Pode ser considerado feliz quem ainda está à procura de Deus? Não posso crer que Deus seja molesto a quem o procura. Quem busca a Deus o tem benévolo, e quem possui a Deus benévolo, será feliz. Logo, é feliz também aquele que está em busca de Deus. (...) Não me parece que seja feliz quem não possui o que deseja. (...) Por conseguinte, todo o que encontrou a Deus e o tem benévolo é feliz. Todo o que ainda busca a Deus tem-no benévolo, mas ainda não é feliz. E, enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus. (pp. 140-142 [n. 20 e 21])

Desse modo, entende-se que é voltando a Ele que o homem atinge a verdadeira felicidade e seu ser se completa. Todos os homens desejam ser felizes, mas a verdadeira alegria só vem de Deus. Ainda no livro "Confissões", Santo Agostinho (397-398/1987, p. 187) afirma:

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria.

A vida feliz está associada a Deus, donde Deus é o outro; e totalmente diverso de todo outro, nem igual, nem comparável, nem longe, nem visível. Todo outro é o olhar de Deus. E na descoberta do ser espiritual interessa este olhar de Deus, que empresta ao ser humano sua verdadeira estatura. Na vida feliz o ser humano torna-se interior ou espiritual quando assume esse olhar de Deus para contemplar-se a si mesmo e aos outros e, à luz deste olhar, interpreta as realidades que existem ou acontecem em torno dele e, mais que isso, tenta viver em consequência deste olhar. Talvez isso seja um olhar de obediência, daquele que escuta ao Senhor. Eis aqui o que Santo Agostinho (idem, p. 189), como servo obediente ao Senhor, profere: "O Vosso servo mais fiel é aquele que não espera nem prefere ouvir aquilo que quer, mas se propõe aceitar, antes de tudo, a resposta que de Vós ouviu". Seguindo esse pensamento, há uma estreita relação entre Deus e os seres humanos.

Caracteriza-se, a partir disso, a pessoa afinada com Deus. Porém, esta afinidade só aparece aos olhos da fé. Por isso, na tradição cristã, sobretudo à época de Santo agostinho, o espírito é que ilumina a alma, instruindo-a e conduzindo-a através das multiformes experiências que a pessoa viva.

Por experiência espiritual, em Santo Agostinho, entendemos a apreensão imediata de uma realidade individual, ou o conhecimento vivido de uma situação, através da fé pessoal. Portanto, a vida feliz diz de Deus muita coisa, e entender a experiência da plenitude é viver na felicidade.



Em um primeiro momento, Santo Agostinho vê a felicidade como desejo de uma coisa por si mesma, e como algo todos os homens procuram-na. O homem não poderia ser feliz, a menos que descobrisse um presente que não fosse ameaçado pelo futuro, que não fosse mais desejo de bens (Courtine-Dénamy, 1999), mas que fosse, em si mesmo, o seu próprio fim, o bem absoluto, aquele que podemos fruir eternamente ou plenamente.

A vida feliz encontra-se lá onde o nosso ser não terá morte. O bem à que o amor aspira é a vida, e o mal que o medo afasta é a morte. A vida feliz é a vida que não pode ser perdida. Portanto, aquela guardada na memória, pois:

ainda que um siga por um caminho e outro por outro, esforçam-se por chegar a um só fim, que é alegrarem-se. Como ninguém pode dizer que não experimentou a alegria, encontramos-na na memória e reconhecemo-la na memória e reconhecemo-la sempre que dela ouvimos falar. (...) Eis o espaço que percorri através da memória para vos buscar, Senhor, e não Vos encontrei fora dela. Nada encontrei que se referisse a Vós de que não me lembrasse, pois, desde que Vos conheci, nunca me esqueci de Vós. (Agostinho, 397-398/1987, pp. 187-188).

A vida feliz, assim sendo, objeto de desejo, pressupõe que dela já tenha tido conhecimento, pois "o desejo, que encontra a sua origem na retrospectiva em si, pela correlação com a vontade de ser feliz, transforma-se e esquece-se naquilo que deseja. Aquele que deseja já, só existe no desejo", afirma em início de sua carreira acadêmica, Arendt (1929/1997, pp. 31-32), pensadora alemã, estudiosa da obra agostiniana.

Ressalta-se, ainda, que o amor a Deus e o amor a si caminham lado a lado e não se contradizem. Nesse sentido, Santo Agostinho proclama: "Quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-Vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós" (Agostinho, 397-398/1987, p. 185). No amor a Deus, o homem ama-se a si próprio, ao homem que há de vir, na pertença desejada a Deus, logo ama a si mesmo enquanto aquilo que será eterno.

"A vida feliz"

É importante saber que uma das primeiras obras cristãs de Santo Agostinho, "A Vida Feliz", nasceu de um encontro com seus amigos, discípulos e familiares. Era outono de 386. O próprio Santo Agostinho narra na referida obra esse encontro: "era a 13 de novembro, dia de meu natalício. Após frugal refeição, para o espírito não ficar em nada molestado, convoquei a todos com quem convivia – não somente naquele dia, mas de modo habitual" (p. 123 [n. 6]). No "banquete" agostiniano, os seus convidados são: Mônica, mãe; Adeodato, filho; Navígio, irmão; Lastidiano e Rústico, primos; Trigésio e Licênio, concidadãos e discípulos. Dessa forma, o diálogo transcorrerá entre familiares e amigos.

Os diálogos constituídos na "A Vida Feliz" iniciam-se com analogia a uma viagem marítima, a viagem em direção ao porto da Sabedoria, em que há três tipos de viajantes; esquematicamente apresentados como os que:

Afastam-se da terra, mas não demasiadamente; Estão iludidos pelo aspecto falacioso do mar e optam por lançar-se ao longe, aventurar-se fora de sua pátria.

Após perturbados pelo mar, recordam-se da doce pátria, onde viveram tribulações, mas retornam e recuperarão o sossego (pp. 118-119 [n. 2]).

Aparece aqui, o envolvimento pessoal do autor na metáfora acima, como autobiografia, no que diz respeito ao seu processo de conversão ao Cristianismo. Como diz Bueno (2002, p. 23): "Uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo". Nesse campo da coletivização, Santo Agostinho



buscou integrar a vida privada a uma vida espiritualmente agregada aos valores cristãos, vivenciados em comunidade.

O tema felicidade, então, é refletido em Santo Agostinho como um verdadeiro elogio à Filosofia. Assim sendo, ele procura, na filosofia, a possibilidade de achar o sentido da felicidade. Essa Filosofia diz respeito ao conhecimento perfeito de Deus.

Também em certo momento, Santo Agostinho privilegia a atitude do sábio diante dos bens materiais, fazendo crer, portanto, que a felicidade consiste na razão: "(...) e quanto à alma, perguntei, não possui ela seu alimento próprio? Não lhe parece ser esse alimento a ciência?" (p. 125-127 [n. 8]). E acrescenta: "é das próprias idéias e pensamentos que a alma se alimenta" (pp. 125-127 [n. 8]). Continua: "a maior e mais deplorável indigência é a privação da sabedoria (pp. 148-149 [n. 27]), pois "o oposto da indigência é a plenitude" (pp. 151-152 [n. 30]). "A sabedoria é plenitude, e a plenitude implica a medida. Portanto, a medida da alma encontra-se na sabedoria" (pp. 153-154 [n. 32]).

Assim, a verdadeira sabedoria é estar em busca de viver a plenitude de espírito. O sábio é aquele que busca a Deus. A esse respeito, Dias (2004, p. 72) nos diz que: "A felicidade é vista como posse da sabedoria. Qualquer sabedoria? Não, a sabedoria de Deus, ou melhor, o próprio Deus, verdade e sabedoria não contingente".

Mais tarde, dirá Santo Agostinho, que não existe uma vida que mereça ser chamada feliz senão na vida futura. Ele rompe, dessa maneira, com a tradição filosófica e propõe a posse de Deus e não mais a filosofia como parte da felicidade:

E quais coisas que podemos desejar para chegar à felicidade. (...) É infeliz quem não possui o que deseja? (...) se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte. Logo, quem possui a Deus é feliz! (pp. 129-131 [n. 11 e 12]).

A partir disso, estabelece-se que a vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus; a Verdade infinita. A perfeição moral e a felicidade consistem em conhecer e amar a Deus, portanto, esse sentido interno de viver, não apenas no sentido da capacidade de entrar em si mesmo e examinar-se, nem apenas no sentido de ter descoberto um modo de viver que está acima dos instintos. Mas, de deleitar-se na alegria de viver em Deus. Daí a relevância da obra citada para convicção agostiniana, pois a realização da vida virtuosa é feliz em saber viver bem.

Nessa trajetória, merece destaque e peculiar atenção a participação de Mônica, sua mãe, na discussão filosófica, em uma época de um helenismo tardio ou neoplatônico; e a contemporaneidade dos Padres da Igreja, dito de outra forma, a Patrística. Santo Agostinho exponencia a mulher na figura de Mônica, em "A Vida Feliz", exatamente quando ele "estava julgando todas as relações humanas em termos de uma utilidade na busca da Verdade" (Wills, 1999, p. 81). Talvez este seja um gesto magistral à luz do próprio Cristo que acolhia as mulheres que sofriam em todas as formas de marginalização e de estigma naquela época. Ou, como afirma Josso (2006, p. 378) em seus estudos de formação autobiográficas, quando nos diz: "em todos os relatos há uma figura feminina ou masculina que ocupa um lugar muito particular na maneira como o narrador vai se ligar à vida e à sua vida".

O que no início de "A Vida Feliz" era um diálogo filosófico termina, teologicamente, no mais alto grau de reflexão. Filosofia e Teologia aparecem intercaladas por diálogos, ao estilo platônico cheios de premissas e silogismos, além de apresentar traços da interioridade agostiniana. Santo Agostinho termina, portanto, "A Vida Feliz" invocando a Trindade, fonte e plenitude para uma vida feliz, no sentido de que "A verdadeira felicidade é a comunhão com a Trindade" (pp. 156-157 [n. 35]): pois, somos guiados até a Verdade, pelo Pai; gozamos da Verdade, pelo Filho; e, estamos unidos à Suma Medida, pelo Espírito Santo.

E acrescenta: "Nesses três elementos, aqueles que possuem o conhecimento e repelem as ilusões de várias superstições, reconhecem um só Deus e uma só Substância" (pp.



156-157 [n. 35]). A esse respeito é interessante o esclarecimento e a elucidação pertinente do conceito de substância que Gilbert (1999, p. 53) faz:

A palavra "substância" indica, por exemplo, a "divindade" em latim; mas em grego corresponde ao que os latinos chamaram "pessoa". De fato, o uso latino da palavra "pessoa" é legitimado pela pobreza do vocabulário; pode-se, com efeito, identificar muito mais facilmente a pessoa com a "substância", o que, entendido ao modo da substância primeira de Aristóteles, faria da trindade das pessoas uma trindade.

Ante o exposto, somos guiados à Verdade pelo Pai, como essência daquilo que nunca deixa de ser; gozamos na Verdade pelo Filho que revela o Pai. O Filho nos faz conhecer o caminho para o Pai, é Verbo, é Razão e Verdade, pois como diz Jesus no Evangelho de João (14, 6) "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Bíblia de Jerusalém, 1995a). Unidos à Verdade, pelo vínculo do Espírito Santo, expressão do amor do Pai, a busca da felicidade, em Santo Agostinho, é uma intencionalidade da alma que se regozija em Deus: fonte transbordante de alegria, do bem viver. Com eloqüente explicação para isso Gilson (1995, p. 150) afirma:

Porque a alma é, como o Pai; e de seu ser ela gera a inteligência de si mesma, como o Filho, ou Verbo; e a relação desse ser com sua inteligência é uma vida, como o Espírito Santo. Ou ainda, a alma é, em primeiro lugar, um pensamento (*mens*), de que brota um conhecimento em que ela se exprime (*notitia*), e de sua relação com esse conhecimento brota o amor que ela tem por si (*amor*). Não é de maneira análoga que o Pai se profere em seu Verbo e que ambos se amam no Espírito?

Na Baixa Idade Média, época em que Santo Agostinho viveu, a pessoa muito cedo descobria a dimensão vertical da subordinação ao pai, à lei, à realidade do mundo. Descobria também a dimensão da fraternidade na convivência com os iguais, irmãos da mesma família, do mesmo lugarejo. Em Santo Agostinho, inaugura-se, por assim dizer, a dimensão da maturação íntima, da auto-reflexão que cria espíritos de valores e permeáveis à transcendência. Subordinação, fraternidade e maturação íntima como tríplice característica da experiência humana é também a tripla senda da experiência cristã da divindade: relação amorosa com o Pai, princípio de tudo, com o Verbo, feito irmão nosso em humanidade e com o Espírito que gera em nós a vivência da intimidade. Daí uma íntima ligação de Santo Agostinho em "A vida feliz" com a Trindade, revelada por um alto teor de sentimento afetivo e místico, pois diz ele:

Certo impulso interior que nos convida a lembrar-nos de Deus, a buscá-lo, a sentir sede dele, sem nenhum fastio, jorra em nós dessa mesma fonte da Verdade. É luz que esse misterioso sol irradia em nossos olhos interiores. E é dele que procede tudo o que proferimos de verdadeiro, ainda que tentamos volver para ele nossos olhos ainda doentios ou recém-abertos, e de o fixarmos face a face. Esse sol revela-se a nós como sendo o próprio Deus, ser perfeito sem nenhuma imperfeição a diminuí-lo. Pois nele encontra-se toda perfeição, completa e íntegra, visto que ele é, ao mesmo tempo, o Deus todo-poderoso (pp. 156-157 [n. 35]).

A experiência da Trindade não deixa de ser uma experiência humana e por isso condicionada pela cultura, seja ela na época medieval seja na contemporaneidade. A força que Santo Agostinho teve para procurar a Deus e a esperança que ele nutria,



possibilitou esse encontro que o felicitou a ponto de registrar num belíssimo hino à alegria:

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde
Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá
fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas
formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não
estava convosco! (...) Porém chamastes-me com uma
voz tão forte que rompestes a minha surdez!
(Agostinho, 397-398/1987, p. 190).

Segundo Santo Agostinho, o sonho de um coração feliz, de um semblante sereno e de um espírito feliz está no fundo das buscas sofridas de nosso mundo. Os itinerários propostos, muitas vezes, levam as pessoas a frustrações melancólicas, irritações constantes e a serem vítimas da tristeza, "pelo medo, tristeza, cupidez e outras paixões. Sejam quem forem, esses infelizes reconhecem eles próprios que tais coisas fazem a infelicidade" (pp. 154-155 [n. 33]); parece residir no centramento egoísta das tentativas frustradas de felicidade. Pois, a verdadeira alegria, aquela que acompanha a vida inteira, está além e acima de todo e qualquer fato, de toda e qualquer conquista, de toda e qualquer situação exterior ao homem. É, ela, antes, fruto da graça que é Deus presente e da atenção a essa graça.

Por isso, proclamar a vida feliz em Santo Agostinho equivale a dizer vida espiritualmente rica. Pois, só aquele que se esforça por levar uma vida profundamente em união com Deus, na sintonia com suas exigências, poderá viver em plena felicidade, e disso muitas pessoas que centraram e centram suas vidas em uma vida do espírito, podem e poderão viver em plena alegria e regozijo, porque descobrem, na fé, o sentido pleno e profundo de todas as realidades, captando, assim, posições ideais para com todas se relacionar. É a fé que personaliza, impede a pessoa de reduzir-se, visto que ela sempre exige um "mais". Olhando a vida feliz sob o prisma agostiniano, a verdadeira alegria jorra sempre de sua fonte bela, pura, cristalina, abundante: nasce em uma vertente formada pelo encontro da pessoa com o próprio Deus.

Então, a perfeita felicidade liberta cada ser na sua diferença, não iguala nada, nada exclui, a tudo dá vida, conserva, consoma, respeitando a concreta diferença de cada ser, e em se continuando como vigor da vida, ela mesma não aparece, mas se oculta em sua humildade. A perfeita felicidade é transparência silenciosa, serena, sóbria e vigorosa da vida que se reflete na unidade e na ordem do amor.

Logo, toda a revelação sobre a felicidade, apenas esboçada sob o prisma agostiniano, diz-nos até que ponto somos chamados à felicidade e como somos literalmente feitos para ela. A felicidade pertence à essência do humano, e em relação a isso, Santo Agostinho soube se auto-retratar muito bem em sua obra. Portanto, podemos inferir que, se vivemos de veras em Deus, a felicidade surge de nosso próprio ser; pois, a felicidade não é fruto de um "ter", nem resultado de um esforço, mesmo que se faça útil e, às vezes, até necessária uma preparação para ela. A vida feliz tem certa relação com a oportunidade ou com o milagre, como condição humana, para se iniciar novos começos. Assim sendo, a lição de Santo Agostinho, nascido duas vezes, uma antes de sua conversão e a outra depois, marca um desenvolvimento pessoal psíquico-espiritual de tamanha grandeza, capaz de olhar profundamente para dentro de si mesmo, encharcado de um humanismo exacerbado, e porque não dizer, autor de uma fina psicologia humanista cristã; condição primordial para registrar o seu hino cheio de vida e esperança em Deus.

Portanto, o pensamento desse santo sobre a vida feliz é fundamentalmente cristão e conseguiu, através dos tempos, penetrar na alma humana. Talvez isso se deva ao fato de que ele mesmo se permitiu, primeiro, uma vida feliz, baseada em ações éticas, tendo em vista uma relação ativa e positiva em Deus, no divino, no transcendente. Santo Agostinho teve a alegria, enfim, de viver uma vida no espírito.



Referências

- Agostinho, S. (1997). *Confissões e De Magistro*. (Coleção Os pensadores). (J. O. Santos; A. Pina & A. Ricci, Trad.). Nova Cultural: São Paulo. (Original de 397-398).
- Agostinho, S. (1998). *Solilóquios. A vida feliz*. (2ª. ed.; Coleção Patrística, Vol. 11). (A. Fiorotti & N. A. Oliveira, Trad.). São Paulo: Paulus. (Original de 386).
- Arendt, H. (1997). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. (Série Pensamento e Filosofia), (A. P. Dinis, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1929).
- Bíblia de Jerusalém. (1995a). *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulus. cap.14, p. 2023.
- Bíblia de Jerusalém. (1995b). *Epístola de São Paulo aos Romanos*. São Paulo: Paulus. cap. 13, p. 2141.
- Bloom, H. (2005). *Onde encontrar a sabedoria?* (J. B. O'Shea, Trad.) São Paulo: Objetiva. (Original publicado em 2004).
- Bueno, B. O. (2002, janeiro-junho). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: A questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 11-30.
- Costa, J. S. (1993). *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. (Coleção Logos). São Paulo: Moderna.
- Courtine-Dénamy, S. (1999). *Hannah Arendt*. (Coleção História e biografias). (L. Figueiredo, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1994).
- Delory-Momberger, C. (2006, maio-agosto). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. (M. C. N. Dias & H. C. Chamlian, Trad.). *Educação e pesquisa*, 32(2), 359-371.
- Dias, C. E. S. (2004). A beatitude Agostiniana. Em: S. G. Albanoz, (Org). *A Filosofia e a Felicidade: O que os filósofos têm pensado sobre a felicidade humana* (pp. 63-75). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Duclos, M. (2005). *Santo Agostinho: a verdade e a felicidade residem em Deus*. Retirado em 20 de abril de 2006, do <http://consciencia.org/medieval/agostinho2.shtml>.
- Gilbert, P. (1999). *Introdução à teologia medieval*. (D. D. Macedo, Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em 1992).
- Gilson, E. (1995). *A filosofia na Idade média*. (Coleção Paidéia). (E. Brandão. Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Gilson, E. (2006). *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. (C. N. A. Ayoub, Trad.). São Paulo: Discurso Editorial; Paulus. (Original publicado em 1941).
- Josso, M.C. (2006). As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educação e pesquisa*, 32(2), 373-383.
- Lalande, A. (1993). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. (F. S. Correia; M. E. V. Aguiar; J. E. Torres & M. G. Silva, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1926).



Peterson, M. A. (1981). *Introdução à filosofia medieval*. Fortaleza: Edições UFC.

Ribeiro Júnior, J. (1989). *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papirus.

Wills, G. (1999). *Santo Agostinho*. (Coleção Breves Biografias). (A. L. D. Borges, Trad.).
Objetiva: Rio de Janeiro. (Original publicado em 1999).

Nota

(1) Este texto fez parte da apresentação como comunicação oral no II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica, cujo tema foi: "Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si", realizado entre os dias 10 e 14 de setembro de 2006, em Salvador, BA, onde participamos na qualidade de membros do grupo de pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS).

(2) Os números entre parênteses após o número das páginas, situados neste artigo, referem-se aos parágrafos da obra "A Vida Feliz", de Santo Agostinho.

Notas sobre os autores

Lúcio Gomes Dantas, filósofo, especialista em Administração e Planejamento Escolar, mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro do Instituto dos Irmãos Maristas e da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS).
Contatos: luciogomesd@hotmail.com

Francisco Silva Cavalcante Junior, psicólogo, Mestre em Educação Especial e Ph.D. em Leitura e Escrita pela *University of New Hampshire*, EUA. Professor titular do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.
Contatos: cjunior@unifor.br; www.cavalcantejunior.com.br.

Data de recebimento: 24/05/2007
Data de aceite: 30/10/2008